

Parece-me que os legisladores estão a entrar pelo caminho mais fácil que não é necessariamente o mais feliz para as famílias portuguesas. Não apelamos para o rigorismo duma legislação apertada e proteccionista, mas desejamos um quadro legal que não sugira aos casais em momentos críticos ou de difícil relação que a boa solução é voltarem as costas um ao outro, aos filhos e à comunidade.

Não se notou grandemente, neste Ano Internacional da Família, que os governantes se tenham empenhado em programas promosionais ou medida legislativas no tocante à habitação, impostos, apoios sociais e outros que favoreçam as famílias. Vêm agora com este «presente envenenado» que nada justifica a não ser a descontracção da facilidade.

O BEATO JOSEMARIA ESCRIVÁ NO DIA A DIA

ISABEL CEPEDA

Quando se encontram publicadas cerca de meia dúzia de biografias do Bem Aventureado Josemaría Escrivá, de autores de diferentes nacionalidades, e a maior parte disponível em língua portuguesa, umas mais desenvolvidas que outras, captando cada uma, ao modo de quem a escreve, facetas diversas do biografado, surge agora um documento de interesse excepcional para quem se sinta atraído pela figura do Fundador do Opus Dei e pela razão última da sua existência — o próprio Opus Dei*.

Trata-se de uma entrevista conduzida por Cesare Cavalleri, director da revista *Studi Cattolici*, a D. Álvaro del Portillo, sucessor imediato de Mons. Escrivá à frente dos destinos do Opus Dei e o seu colaborador mais directo durante perto de 40 anos.

C. Cavalleri, no *Agradecimento* que dirige ao entrevistado, é o próprio a afirmar que «a mensagem do Fundador... quase se manifesta melhor num conjunto de episódios, factos concretos, experiências vividas, que numa exposição conceptual. Este livro não substitui, portanto, as biografias já publicadas... que ajudam a situar historicamente as informações — em boa parte inéditas — que aqui se apresentam».

Com efeito, ao sabor das perguntas, que não obedecem a um esquema rígido, vamos descobrindo a rica personalidade de Josemaría Escrivá no seu dia a dia,

* ALVARO DEL PORTILLO, *Entrevista sobre o Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo 1994, 260 págs.

quer em Roma onde viveu a partir de 1946, quer, anteriormente, em Espanha, nos começos da fundação do Opus Dei, quer durante os difíceis tempos da guerra civil, quer, através de recordações da infância e da adolescência, que transmitia aos que estavam mais próximos, os tempos de estudante de liceu, do seminário. Ficamos, deste modo, a saber que Josemaría Escrivá gostava de cantar (durante as viagens de automóvel, nas reuniões de família, ou quando se barbeava...), apreciava canções de amor que aplicava «a lo divino», que lia os jornais, via o telejornal, e rezava, por exemplo, pelos astronautas que estavam prestes a alcançar a Lua... era alegre, divertido, improvisando até uns passos de dança para aliviar o ambiente e as dores pós-operatórias de um dos seus filhos, que podia alguma vez perder a serenidade para logo a seguir rectificar, se fosse o caso (pp. 105-106).

D. Alvaro, em determinada altura, indica os dotes naturais mais salientes do Fundador do Opus Dei: a inteligência, a simpatia e o carácter a par com as virtudes que foi aperfeiçoando através de uma luta ascética tenaz mantida até ao último momento da sua vida cá na terra, levando à prática o que deixava consignado numa das suas frases concisas «lutar por amor até ao último instante». E são estes dotes naturais e a prática das virtudes que emergem da *Entrevista*, a par da vivência de uma pessoa normal e corrente que vive em pleno século XX.

Para alguns exemplos apenas, porque o melhor será ler a *Entrevista* (que aliás, é daqueles livros que quase dá vontade de não largar), ressaltam:

— a *caridade*, o afecto para com todos a começar pelos mais próximos que o fazia chorar a morte de familiares, amigos ou a de um dos seus filhos em plena maturidade. É particularmente comovedor o diálogo que se estabelece entre o Fundador e uma jovem italiana, membro do Opus Dei, internada num Hospital de Roma, com um cancro no fígado e desenganada pelos médicos e que D. Alvaro transmite na íntegra (nn. 101-103).

— a *gratidão* para quem em momentos de apuro o tinha ajudado desinteressadamente;

— a *pobreza*, vivida de um modo secular que o fazia ter cuidado extremo com os objectos que usava, dando igualmente conselhos tão óbvios como o de que as ferramentas se utilizam para o seu fim (uma tesoura, para cortar papel, tecido, mas não para abrir latas...); usou a mesma armação de óculos desde os anos 40 até 1972, e tinha duas batinas, que usava em dias alternados a fim de as poupar o que escovava cuidadosamente ao fim do dia;

— o *desprendimento* que o fez exclamar em altura de enorme desconcerto interior «Senhor, se a Obra (o Opus Dei) não é tua destrói-a, agora mesmo, neste instante, de maneira que eu o saiba».

— o *amor à pureza* que, na sua condição de sacerdote, vivia com extrema delicadeza, recusando, por exemplo, em plena guerra civil e perseguição religiosa, em Madrid, um refúgio seguro por se tratar de uma casa em que apenas vivia uma jovem empregada;

— a *sinceridade*, a virtude sua preferida, detestando as aproximações, ou exageros, os «panos quentes», as mentiras piedosas. Um exemplo referido (que